

Começo o meu relato hoje, dia cinco de Novembro. Tentarei descrever tudo da forma mais exacta que me for possível. No entanto, nem sequer tenho a certeza de estarmos a cinco de Novembro. Perdi-me na contagem dos dias ao longo do último Inverno. Também não sou capaz de indicar em que dia da semana estamos. Não creio, porém, que se trate de um dado importante. Conto apenas com escassos apontamentos. São, de facto, escassos, porque não tinha a intenção de escrever este relato. Receio agora que as minhas recordações não correspondam exactamente àquilo por que passei e que vivi.

Talvez todos os relatos sofram deste mesmo mal. Não foi pelo prazer da escrita que me decidi a escrever. No meu caso, trata-se de uma verdadeira necessidade, pois, de outro modo, correria o risco de perder a razão. Não tenho ninguém que possa olhar por mim, que possa resolver os meus assuntos. Estou completamente sozinha e tenho de tentar superar os longos e sombrios meses de Inverno. Não conto com a possibilidade de alguém, um dia, encontrar estas minhas reflexões. Neste momento, nem sei se isso seria desejável. Talvez o venha a saber quando terminar este relato.

Tomei esta tarefa a meu cargo na esperança de que ela me impeça de manter os olhos cravados no crepúsculo e de sentir medo. Porque a verdade é que sinto medo. O medo está à minha espreita em todas as esquinas, e não é meu desejo ficar à espera que ele se aproxime e se apodere de mim. Hei-de escrever até que a noite caia, e esta nova e inusitada tarefa

acabará por me cansar a cabeça, deixando-a vazia e entorpecida. Não receio o despontar do dia, mas tão-só as longas tardes de lusco-fusco.

Não saberia dizer com exactidão que horas são. Devem ser aproximadamente três da tarde. Não sei do meu relógio, mas ele também já não tinha grande serventia. Um relógio de pulso minúsculo, de ouro, um brinquedo caro, dir-se-ia, que nunca dava as horas certas. Possuo uma esferográfica e três lápis. A esferográfica já quase não tem tinta e eu não gosto de escrever a lápis. As letras não se destacam nitidamente quando escritas no papel. Os riscos delicados, de cor cinza, diluem-se sobre o fundo amarelado. Mas não me resta alternativa. Escrevo nas costas de calendários antigos e em papel comercial, gasto pelo tempo. Foi Hugo Rüttlinger, um grande coleccionador e hipocondríaco, quem me providenciou o papel de carta.

Na realidade, era por esta pessoa que o meu relato deveria ter começado, porque, se não fosse a sua mania de coleccionar e a sua hipocondria, eu hoje não me encontraria aqui, neste lugar. Provavelmente já nem existiria sequer. Hugo era casado com a minha prima Luise e um homem bastante abastado. Tinha feito fortuna com uma fábrica de caldeiras. Eram caldeiras muito especiais, produzidas apenas naquela fábrica. Infelizmente já não me lembro em que consistia a particularidade de tais caldeiras, ainda que Hugo mo tivesse explicado vezes sem conta. Também não contribui em nada para este relato. Fosse como fosse, a fortuna de Hugo era tão grande que se tornava necessário investir o dinheiro em qualquer coisa especial. Hugo investiu então numa coutada de caça. Podia muito bem ter comprado cavalos de corrida ou até um iate, mas tinha medo de cavalos e enjoava mal entrava num barco.

De resto, só mantinha a coutada pelo prestígio que lhe conferia. Era um mau atirador e dava-lhe pena disparar sobre

corças inocentes. Convidava os sócios da empresa e, enquanto estes abatiam o número de peças combinado, na companhia de Luise e do guarda da coutada, Hugo ficava sentado numa espreguiçadeira em frente do pavilhão de caça, dormitando ao sol, com as mãos cruzadas sobre a barriga. Andava tão atarefado e exausto que se deixava dormir assim que se sentava numa cadeira — um homem enorme, corpulento, atormentado por temores obscuros, assoberbado por mil e uma coisas.

Eu, pela minha parte, simpatizava com ele e partilhava do seu amor pela floresta e por alguns dias de sossego no pavilhão de caça. Não lhe causava transtorno nenhum que eu andasse pelas imediações da casa, enquanto ele dormitava na cadeira de repouso. Entreteinha-me dando pequenos passeios e desfrutando o silêncio que ali reinava, quando comparado com a azáfama da cidade.

Luise era uma caçadora apaixonada, uma mulher ruiva com uma saúde de ferro que aproveitava para seduzir qualquer homem que se lhe atravessasse no caminho. Como detestava as tarefas domésticas, era-lhe mais do que apazível que eu desse, aqui e ali, alguma atenção ao marido, preparando-lhe cacau quente ou as suas numerosas poções e mistelas. Hugo estava doentiamente obcecado pela sua saúde, o que na altura não fazia muito sentido na minha cabeça, já que a sua vida era uma permanente correria de um lado para o outro e o único prazer que conhecia era uma pequena sesta ao sol. Não obstante a sua capacidade para os negócios (mais do que óbvia, aliás), era um homem que passava o tempo a queixar-se de tudo e de nada, fazendo lembrar uma criancinha medrosa. Tinha um verdadeiro amor pela ordem e pela perfeição e, quando viajava, levava sempre duas escovas de dentes na bagagem. Possuía vários exemplares de todos os objectos de uso diário, o que aparentemente lhe transmitia alguma segurança.

De resto, era um homem bastante culto e educado, ainda que jogasse mal às cartas.

Não me lembro de alguma vez ter entabulado conversa com ele sobre um assunto de importância. De vez em quando, Hugo fazia uma ou outra tentativa nesse sentido, para logo a seguir desistir da ideia, talvez por timidez ou por achar, simplesmente, que tudo isso lhe daria demasiado trabalho. Em todo o caso, era uma atitude que me agradava, pois o contrário só nos teria causado constrangimento.

Naquela época, não se falava de outra coisa senão da guerra atômica e das suas consequências, o que levou Hugo a armazenar uma pequena reserva de mantimentos e de utensílios importantes no seu pavilhão de caça. Aos olhos de Luise, nada daquilo fazia o menor sentido. Exasperava-se e temia, de mais a mais, que se viesse a saber das provisões e alguém assaltasse a casa. Provavelmente tinha razão mas, quando Hugo metia uma coisa na cabeça, era difícil convencê-lo do contrário. Começou a sentir palpitações e dores de estômago, até que Luise deixou de oferecer resistência. No fundo, também lhe era completamente indiferente.

No dia trinta de Abril, os Rüttlinger convidaram-me para passar alguns dias no seu pavilhão de caça. Eu enviuvara havia dois anos. As minhas duas filhas estavam praticamente criadas e podia dar-me ao luxo de dispor do meu tempo como bem me apetecesse. Na verdade, não se podia dizer que fizesse grande uso da minha liberdade. Sempre fui uma pessoa sedentária e era em casa que me sentia melhor. No entanto, era raro recusar os convites que Luise me fazia. Adorava o pavilhão de caça e a floresta, e não me importava de passar três horas a viajar de automóvel para lá chegar. Também naquele dia trinta de Abril aceitei o convite. Seria uma estada de três dias e mais ninguém fora convidado.

O pavilhão de caça é, na realidade, uma casa de campo em madeira, de dois andares, feita de troncos sólidos e compactos e ainda em bom estado. No rés-do-chão, há uma enorme divisão que é, ao mesmo tempo, cozinha e sala, ao estilo rústico, a que se vem juntar, ao lado, um quarto e uma pequena despensa. O primeiro andar, rodeado por uma varanda de madeira a toda à volta, dispõe de três pequenos quartos para os hóspedes. Foi num destes quartos, na verdade no mais exíguo, que fiquei alojada naquela ocasião. A cerca de cinquenta passos de distância, numa encosta que desce até ao ribeiro, ergue-se uma pequena casa de madeira destinada ao guarda, que, de facto, mais não é do que uma cabana de uma divisão apenas. Ao lado, à beira da estrada, encontra-se a garagem que Hugo mandou construir com tábuas de madeira.

Viajámos, portanto, três horas de carro e parámos na aldeia para ir buscar o cão de caça à casa do guarda. Tratava-se de um sabujo montanhês da Baviera, chamado *Lince*, que, embora pertencesse a Hugo, tinha sido criado e adestrado pelo guarda. Curiosamente, o guarda conseguira que o cão reconhecesse Hugo como seu dono legítimo. Não dava, porém, qualquer atenção a Luise, não lhe obedecia de maneira nenhuma e desviava-se dela sempre que podia. A mim, tratava-me com uma neutralidade amigável, ainda que apreciasse a minha companhia. Era um animal muito belo, de pêlo escuro, de um castanho-avermelhado, e um excelente cão de caça. Falámos um pouco com o guarda e ficou combinado que, no dia seguinte, à tardinha, ele iria caçar com Luise. Luise queria apanhar um corço. O período de defeso terminava precisamente no dia um de Maio. Esta conversa prolongou-se por um bom bocado, como é habitual no campo. Luise, que nunca compreendera este costume, teve de refrear a sua impaciência para não contrariar o homem de cujos préstimos não podia prescindir.

Só chegámos ao pavilhão de caça por volta das três da tarde. Hugo não perdeu tempo a retirar as novas provisões da mala do carro e a transportá-las para a despensa que ficava ao lado da cozinha. Eu preparei café no fogão a álcool. Depois da merenda, Hugo não tardou a adormecer. Luise lembrou-se então de sugerir que voltassem os dois à aldeia. Fazia-o por pura maldade. Em todo o caso, foi muito habilidosa a convencê-lo, alegando que o movimento era essencial para a saúde de Hugo. Por volta das quatro e meia, já havia conseguido alcançar os seus objectivos e lá partiu, triunfante, com o marido. Eu sabia que iriam acabar na estalagem da aldeia. Luise adorava conviver com lenhadores e jovens camponeses e nem lhe passava pela cabeça que aqueles espertalhões deviam rir-se dela à socapa.

Levantei a mesa e pendurei a roupa que trouxera no guarda-fato. Quando tudo estava arrumado, sentei-me ao sol, no banco que havia lá fora. Estava um dia quente e bonito e, segundo o boletim meteorológico, o céu iria continuar desanuviado. O sol já começava a inclinar-se sobre os abetos e em breve se esconderia. O pavilhão de caça fica num pequeno vale, no final de um desfiladeiro, rodeado de montanhas escarpadas.

Enquanto sentia os últimos raios de sol no meu rosto, ali sentada no banco, avistei *Lince* que regressava a casa. Talvez não tivesse obedecido a Luise e esta, como castigo, mandara-o de volta para casa. Apercebi-me de que haviam ralhado com ele. Aproximou-se, olhou-me com um ar inquieto e pousou a cabeça nos meus joelhos. Ficámos algum tempo naquela posição. Afaguei-o e dirigi-lhe umas palavras de consolo, porque sabia que Luise não tinha jeito nenhum para lidar com ele.

Quando o sol desapareceu por trás dos abetos, o tempo arrefeceu de repente e a clareira foi invadida por sombras azuladas. Entrei em casa com *Lince*, acendi o grande fogão a

lenha e comecei a preparar uma espécie de refogado de carne com arroz. Não era obrigada a fazê-lo, claro está, mas a verdade é que eu própria estava com fome e sabia que Hugo também preferia uma boa refeição quente.

Às sete da tarde, os meus anfitriões não haviam ainda regressado. Era, em todo o caso, muito cedo para isso, na verdade não contava com a possibilidade de chegarem a casa antes das oito e meia. Dei, portanto, de comer ao cão, comi o meu prato de carne com arroz e por fim pus-me a ler, à luz do candeeiro a petróleo, os jornais que Hugo trouxera para a cabana. Comecei a ficar sonolenta devido ao calor e ao silêncio que reinavam em casa. *Lince* refugiara-se no buraco que havia por baixo do fogão e ressonava baixinho, no seu canto prazenteiro. Às nove da noite, decidi ir para a cama. Cerrei a porta da rua e fui para o meu quarto, levando a chave comigo. Estava tão cansada que, não obstante o edredão estar frio e húmido, adormeci imediatamente.

Acordei com os raios de sol incidindo no meu rosto e lembrei-me logo da noite anterior. Como só tínhamos uma chave para entrar na cabana, uma vez que a chave suplente ficava com o guarda, Luise e Hugo teriam sido obrigados a despertar-me ao regressar a casa. Ainda de roupão vestido, desci as escadas a correr e abri a porta da rua. *Lince* recebeu-me ganindo de impaciência e, num ápice, desapareceu de casa. Dirigi-me ao quarto dos anfitriões, ainda que não esperasse encontrar lá ninguém, já que a janela estava protegida com grades. Mas mesmo que não tivesse grades, Hugo seria incapaz de entrar por uma janela. Claro que as camas estavam intactas.

Eram oito da manhã. Provavelmente, os dois haviam ficado na aldeia. Estranhei bastante tal decisão, pois Hugo detestava as camas demasiado pequenas da estalagem e, atencioso como sempre era, não iria querer que eu passasse a noite sozinha

na cabana. Não conseguia pensar em nenhuma explicação para o sucedido. Voltei para o meu quarto e vesti-me. Estava ainda um ar muito frio lá fora e o orvalho cintilava no *Mercedes* negro de Hugo. Fiz um chá, aqueci-me um pouco e pus-me depois a caminho da aldeia, levando *Lince* como companhia.

Quase não dei pelo frio e pela humidade no desfiladeiro, tão imersa ia nos meus pensamentos, matutando no que poderia ter acontecido com os Rüttlinger. Talvez Hugo tivesse sofrido um ataque cardíaco. Provavelmente não leváramos o seu estado muito a sério, como costuma acontecer quando lidamos com hipocondríacos. Estuguei o passo e mandei *Lince* à frente. Tomou de seguida a dianteira, ladrando de felicidade. Não me lembrara de calçar as botas de montanha, pelo que ia avançando desajeitadamente atrás dele, tropeçando nas pedras pontiagudas.

Quando, por fim, cheguei à saída do desfiladeiro, ouvi *Lince* ganir de dor e de medo. Contornei uma pilha de lenha que me ocultava a visão e avistei então *Lince* sentado a uivar. Da sua boca escorria uma baba avermelhada. Inclinei-me sobre o cão e afaguei-o. Tremendo e ganindo, *Lince* encostou-se ao meu corpo. Provavelmente havia mordido a língua ou partido um dente. Quando o incitei a prosseguir caminho a meu lado, meteu o rabo entre as pernas, colocou-se à minha frente e impediu-me de avançar com a força do seu corpo.

Não conseguia perceber o que lhe metia tanto medo. Naquele ponto, o caminho afastava-se do desfiladeiro e, tanto quanto a minha vista abarcava, encontrava-se deserto e absolutamente tranquilo, banhado pelo sol da manhã. Contrariada, afastei o cão para o lado, decidida a continuar sozinha. Por sorte, o animal havia-me obrigado a refrear o passo, porquanto, a poucos metros de distância, bati violentamente com a testa contra algo e fui projectada para trás, cambaleando.